ALVES, Ellen da Silva Rodrigues. ***Um Dia Ouvi a Lua*** **da Companhia Teatro da Cidade: uma proposta de análise do espetáculo à luz da cultura popular do Vale do Paraíba Paulista.** São João del Rei – MG. Universidade Federal de São João del Rei. Departamento de letras, artes e cultura; Programa de pós-graduação em artes cênicas; Linha de pesquisa em cultura política e memória. Orientador: Berilo Luigi Deiró Nosella.

Resumo: Este presente trabalho pretende discutir a partir de uma analise do espetáculo teatral *Um Dia Ouvi a Lua,* representado pela CIA Teatro da Cidade, o que este traz para a cena teatral da cultura popular do Vale do Paraíba Paulista, bem como este grupo discute em seu trabalho sempre a cultura popular do seu lugar de convivência.

Palavras Chave: Um Dia Ouvi a Lua, Memória, Cultura Popular.

Abstract: This present work intends to discuss from an analysis of the theatrical spectacle Um Dia Ouvi a Lua, represented by the CIA Theater of the City, what this brings to the theatrical scene of the popular culture of the Vale do Paraíba Paulista, as well as this group discusses in its I always work the popular culture of their place of coexistence.

Keywords: One Day I Hear The Moon, Memory, Popular Culture.

Este presente trabalho ainda em andamento pretende mostrar a partir da analise do espetáculo Um Dia Ouvi a Lua, o que ele leva consigo de sua cultura regional para a cena e o quanto isso é de fato importante para sua cidade (São José dos Campos – SP) e também o que isso pode representar de rememoração e uma maneira de se apreciar e simbolizar a cultura popular do Vale do Paraíba Paulista. Parte-se do pressuposto que os processos de criação cênica e o processo de formação de grupos, como a CIA Teatro da Cidade, devem ser mais pesquisados, mais catalogados, pois estes grupos fazem ou fizeram parte da história do teatro brasileiro. História esta formada por pequenas companhias, companhias locais onde a arte da sua região é

posta em cena, também importantes para a história do teatro brasileiro como um todo, inclusive essas companhias de interior que de certa forma, influenciam ou são influenciados por tudo o que marca a cena teatral brasileira, grupos como a CIA Teatro da Cidade que fazem ou fizeram parte da história teatral de sua cidade, marcando os grupos teatrais que vieram ou virão após este.

Considera-se que o teatro brasileiro é feito também da influência e da existência dessas companhias (entendam aqui pequenas companhias, como companhias de cidades do interior, ou sem visibilidade em âmbito nacional), mas não necessariamente por isso menos importantes do que companhias que receberam maior visibilidade conhecidas nacionalmente.

Queremos dizer com isso que essas companhias têm importância no âmbito nacional, mesmo assim sem perceberem ou sem realmente terem esse fim. Ou seja, grupos teatrais ou coletivos que evocam a arte teatral no seu processo mais pontual, ou mais simples, no sentido de que seus processos foram feitos com o intuito de falar de seu lugar. Lugar este muitas vezes menosprezado ou esquecido pela cidade, onde a origem desta se evoca, se transforma e é posta em cena para mostrar todo o potencial desta comunidade.

Muitas vezes com a correria de cidades grandes, ou com o avanço da tecnologia, as pessoas não param mais para lembrar-se de onde vieram, o que significa toda sua origem para a sociedade. É nesse lugar que essas companhias trabalham, seja para mostrar esta “origem” ou para criticar esses acontecimentos, trabalho este muitas vezes feito para rememoração de lugares importantes para uma comunidade.

> E por este pensamento que me apresento como atriz-pesquisadora. É porque os limites que separam a arte da pesquisa estão, hoje, atenuados. Se estudo um processo de criação é porque atuo. Não que outros procedimentos não sejam válidos. Mas falo aqui da minha percepção frente à pergunta levantada. (BRAGA, 2006, p.78)

Falando aqui do lugar como atriz-pesquisadora, mostrar como minha cidade de origem tem importância teatral, sim é uma chama acesa dentro do pesquisador, falar de si, no entanto sem perder o olhar de pesquisador. Esse processo é difícil, mas muito gratificante como pesquisadora poderia falar de

inúmeras coisas, no entanto quero falar da região que me interessa artisticamente, falar do processo artístico teatral para a criação de um espetáculo em especial, *Um Dia Ouvi a Lua*, parceria entre Companhia Teatro da Cidade e Luiz Alberto de Abreu, fazendo assim uma analise do espetáculo enquanto produto final e do que ele traz da cultura do Vale do Paraíba Paulista em cena.

Sinopse: *Um Dia Ouvi a Lua*

Um Dia Ouvi a Lua narra histórias das mulheres Beatriz, Tereza e Sá Maria, em busca do amor verdadeiro. Contado pelo viés da narrativa, onde o amor pode ser visto de varias formas. É uma peça musicada caipira, pois as histórias são contadas e cantadas, inclusive em cima de três músicas do Tonico & Tinoco e do seu universo caipira. Essas histórias se passam ao redor de uma velha estação de trem, em um lugar esquecido no tempo e preservado na memória.

No espetáculo, os atores iniciam com suas histórias pessoais, como uma narrativa, para introduzir um lugar distante, longe do aqui agora, mas vivo na memoria de cada um onde a lembrança vive.

O personagem, demiurgo (uma espécie de brincante), inicia o espetáculo, levando os outros personagens e o publico para um lugar distante, longe do mundo atual e perdido no tempo e espaço, lugar esse onde essas três personagens contam suas histórias de amor, de descontentamento e paixão.

A primeira história é de Beatriz, a personagem encontra seu amor em uma festa de São João, um violeiro andante e errante que viaja entre as cidades, quando eles se apaixonam é puro amor, mas a vontade do violeiro de continuar suas andanças e o medo de viver o amor, os fazem se perder e se distanciar, enquanto ela quer fugir com ele, ele se nega e parte. Quando ele volta depois de velhos eles já não conseguem mais viver o amor, pois a distância fez o medo aumentar e afastá-los mais, então vivem da lembrança de um amor que poderia ter sido que não foi e sonhando com ele.

A segunda história trata do amor de Tereza e Lourenço. A história é iniciada pelo penitente que matou Tereza por ter a perdido, seu marido Antônio Bento, mas a morta volta para contar sua história pelo ponto de vista do amor.

Um amor que nasceu ainda meninos com Lourenço, onde eles viverem felizes durante toda a infância e adolescência, mas que com a mudança da família de Loureço para longe afastou este amor. Então Tereza se casa com Antônio Bento, e segue sua vida, como que cumprindo todos os desígnios que antes se julgavam ser o que as mulheres precisavam cumprir. Depois de passar alguns anos na história, quando Lourenço volta o amor entre eles renasce e num piscar de olhos enlaça os dois, Tereza e Lourenço fogem para viver esse amor. Então Antônio Bento, se sentindo traído, vai atrás dos dois para vingar o amor perdido e quando os encontra, a pesar do medo de mata-la, assim mesmo o faz, mata Tereza, vingando seu amor machucado, logo em seguida se arrepende do que fez, e vira um penitente a vagar entre as cidades, falando do amor perdido e do seu arrependimento, mas a alma de Tereza celebra o amor vivido e não o arrependimento da sua morte.

A terceira história é de Sá Maria, uma menina que vive feliz com seu pai, até ela encontrar o amor de outro homem, em uma festa de Folia de Reis, e se apaixonar por ele, Cipriano. Seu pai demora pra entender que aquele é um amor de verdade, puro e simples e que deve aceita-lo. Mas antes disso, Sá Maria e Cipriano vivem o medo do amor, do diferente, do novo e suas dificuldades, então eles fogem. Cipriano muda e se faz duro enquanto fogem, e ela tem medo das durezas do seu amor, e também carrega a tristeza de ter deixado o pai, ela se perde em seus sentimentos, com medo e a tristeza. Então Sá Maria pede para a Lua falar com ela. E a Lua fala, Tereza houve o conselho das duas outras personagens anteriores, que dizem para ela seguir o amor, amolecer as durezas de Cipriano, da vida e ser feliz e não ter mais medo, com o conselho da lua sobre o amor, ela recupera a coragem e segue viajem com Cipriano e eles seguem para viver seu caminho.

Assim foram às histórias, três histórias de amor de três mulheres guiadas por ele. Então o demiurgo leva de volta os personagens e o publico para o “aqui e agora” e eles mostram os tesouros da narrativa e de suas

histórias, findando a luz do espetáculo em uma grande foto da estação de trem da cidade de São José dos Campos onde toda a história se envolve, e outras fotos que contam um pouco do que mostraram em cena, como também de suas histórias.

O processo de criação cênica do grupo, para o espetáculo, de fato deve ter sido influenciado por várias formas de trabalho cênico, que resultou no produto final do espetáculo. Mas, esse processo se guia principalmente pela narrativa, estabelecida pelo autor Luiz Alberto de Abreu para a criação dos personagens. Para esta pesquisa a representação do espetáculo como produto final é o mais importante enquanto analise, no entanto o processo de criação do grupo e o como o grupo fluiu até a representação, junto a todo o trabalho de criação, será também investigado para se entender todo o processo deste espetáculo.

Para a compreensão do espetáculo teatral *Um Dia Ouvi a Lua*, redigimos abaixo, algumas concatenações entre autores, sobre como a cultura, o folclore, manifestações artísticas teatrais, as representações culturais e os tipos culturais se interagem uns com os outros. Para que, a partir de todo esse processo de estudo, possamos finalizar com um entendimento maior sobre como as manifestações culturais do Vale do Paraíba Paulista, chegaram e foram representados em cena pelos atores da Companhia Teatro da Cidade, no espetáculo.

Logo, podemos tentar vislumbrar o que foi feito em cena, e qual tipo de representação cultural este espetáculo obteve, em meio a sua representação quais foram a cena. Como também pretendemos futuramente apresentar um pouco sobre a cultura do Vale do Paraíba Paulista, suas manifestações e a importância da cidade de São José dos Campos para este Vale.

> Encontra-se bichos, pássaros, cachoeiras e riachos...cantadores e contadores de história, e também um grande rio..., que passa por muitas cidades. O nome deste rio é “Para’iwa”, ou seja, “Paraíba”, palavra de origem tupi que significa rio de aguas barrentas, turvas, de difícil navegação. (BAUMGRATZ, p.13)

O Vale do Paraíba Paulista é conhecido por este nome pelo seu rio que corta todo o Vale e por isso, chamados de caipiras, pois para os índios da

região, quem vivia ao redor do rio era conhecido como o Homem *piraquara* – caipira ou pescador. Mesmo sendo um rio de águas barrentas os índios escolheram ficar perto deste rio. É deste rio de águas barrentas que se tira o barro, que se fazem os santos, representações culturais em forma de esculturas de barro, pedra sabão e madeira de santos europeus, mas com faces e traços de índios e negros, típicos da região.

Como diz Baumgratz (2011), é um vale cheio de histórias e contadores de histórias, esses contadores, são os primeiros "artistas" da região. É a partir dessas histórias, lendas e musicalidade da região que surge o espetáculo *Um Dia Ouvi a Lua*. Pois, a arte teatral pode ser muita coisa, mas é também um ato de contar histórias.

É nessa cidade São José dos Campos, uma cidade culturalmente marcada, por várias influências, já que foi uma cidade também "colonizada" em vários momentos, na época dos cafeicultores e do gado leiteiro, pela vinda da mão de obra para estes trabalhos, depois com a industrialização e o avanço tecnológico, por muitas pessoas atrás de emprego, tivemos nessa época inclusive um grande número de Mineiros, vindo para a cidade (principalmente os do sul de Minas Gerais). Portanto é uma cidade cheia de histórias, cheia de culturas, com um aglomerado enorme de memórias culturais, é desse fluxo que os artistas da CIA Teatro da Cidade tiveram o interesse de contar no espetáculo.

> No entanto, sabe-se também que estas culturas tradicionais "originais" são, hoje, primordialmente contadas e cantadas*, sobrevivendo* substancialmente em veios de *rememorações*. (RABETTI, 2000, p.04)

Para tanto, a cultura popular do Vale do Paraíba Paulista, dialoga com o objeto de pesquisa deste trabalho, tanto quanto para autores como Jacqueline Baumgratz ou Ângela Savastano, como para artistas como a CIA Teatro da Cidade e outros aqui não mencionados. É de grande importância que essa cultura regional seja mantida viva, mesmo que seja em modo de rememoração, pois a cultura de uma região tem de ser importante para que, os que ali se encontram possam se identificar e se contagiar pelo local que escolheram para viver.

Assim como acontece na cultura e na representação destas memórias, varios simbolos que no campo, funcionam como fortes elementos de caracterização e consolidação da identidade camponesa passam a ser na urbe, meras celebrações rituais do estilo camponês de vida, levadas por grupos que são agora urbanoides. “Esse complexo jogo de deslocamento por que passa os símbolos tradicionais no mundo urbano deve ainda ser melhor compreendido.” (CARVALHO, 2000, p.25)

Como exemplo a música popular, produto do novo mundo urbano industrial, sincretiza o processo de transformação e inter-relação entre significados simbólicos e modernos. E falando neste exemplo, podemos aqui citar as canções utilizados no espetáculo, pois são músicas caipiras, feitas por autores que não são necessariamente da região do Vale do Paraíba, mas que por serem caipiras reinterpretadas como dito acima pela modernização. Ainda assim como rememoração, são cantadas e ainda recantadas, por todos os brasileiros como uma maneira de se recordar o campo.

Tonico e Tinoco[1] foram artistas sertanejos de raiz, muito importantes para a história da música popular caipira, foram os pioneiros da canção de raiz a levar seus traços do campo para todo o país, abrindo a partir destes um caminho para a música popular.

Suas canções foram parte marcante no espetáculo, pois no geral falam de homens abandonados/que abandonam ou que sofrem pelo amor de uma mulher, como se a culpa da história fosse dela. Já o espetáculo faz uma releitura destas, contando-a do ponto de vista da mulher, que pode ter sido abandonada/ou quem abandonou, ou que sofrem de alguma maneira, pois esses homens as induziram a fazer coisas que acreditam que eles queriam que fizessem.

> Simplificando, pois, a descrição de um processo histórico sumamente complexo, pode-se dizer que, desde então, as duas tradições “puras”

[1] **Tonico & Tinoco** foi uma dupla caipira brasileira, considerada a mais importante da história da música brasileira e a de maior referência, ambos entraram na lista dos "*maiores músicos recordistas de vendas da história mundial*". Em 64 anos de carreira, Tonico e Tinoco realizaram quase 1000 gravações, divididas em 83 discos. As gravadoras a que eles pertenceram já lançaram no mercado um total de 60 discos. Tonico e Tinoco venderam mais de 50 milhões de discos, realizando cerca de 40.000 apresentações em toda a carreira. (WIKIPÉDIA, 2018)

> (a popular e a clássica) foram-se diluindo paulatinamente, misturando-se às vezes de formas, tanto orais como escritas e, finalmente, eletrônicas (como a cultura de massa), circulando pelas varias camadas sociais da população dos paises europeus e latinoamericamos até os dias de hoje.(CARVALHO, 2000, p. 28)

As duas tradições a clássica e a popular, misturam-se com a modernidade e se sincretizam, gerando uma multiplicidade de formas, circulando nas várias camadas da população como a cultura de massa. De uma maneira positiva a cultura popular também é capaz de fazer alianças, e com ela reproduzir a mesma relação entre produtor e consumidor. José Jorge de Carvalho (2000), fala da cultura popular e da cultura de massa como "objetos" modificantes e modificados pelo capitalismo e pela urbanização, que pode ser influenciado por os povos. Transformando essas culturas em figuras míticas, com seu solo histórico, tradicional e cultural. Uma visão dessa figura mítica a partir dos olhos da cultura dominante.

> É a distinção entre cultura para ser e cultura para ter, entre o meramente funcional e o assumidamente contemplativo, entre o ritualizado e o rotineiro, que e parece estar presente, em qualquer nível de cultura em que nos fixemos, do mais folclórico ao mais massivo. (CARVALHO, 2000, p. 35)

A cultura dita como popular, passa por vários caminhos até chegar à cena, ela é vista como maneira de representação cultural é interligada entre o tradicional, a massa e passa por várias maneiras de rememoração. A cultura popular poderia identificar-se hoje como algo que preserva ainda conjunto de manifestações e produções, presentes no campo simbólico com aspectos e valores da "cultura tradicional". Que envolve a transmissão de valores orais, a mistura entre o sagrado e o profano, festas e rituais, também a manutenção de parâmetros coletivos e as manifestações de rua e artísticas. Sabe-se hoje que essas culturas tradicionais originalmente cantadas e contadas sobrevivem na rememoração. A memória serve então como acervo e indutor para a criação e representação.

É essa memória do popular em maneiras de rememoração que o espetáculo teatral *Um Dia Ouvi a Lua* se utiliza, pois o espetáculo passa por vários momentos entre a cultura regional, a massiva e apropriada pelos artistas e recriada em cena. A cena fala da cultura regional, mas de uma maneira em que possa ser apresentada em vários lugares e possa ser reinterpretada pelos

seus espectadores, onde cada um pode ler e levar a sua maneira o que existe de memória e rememoração no espetáculo, de maneira pessoal para cada espectador.

O exercício rememorativo hoje utilizado pelos estudiosos do teatro popular, como também pelos artistas que desejam estudar esse teatro, tem de se atentar a suas reproduções, analises e a arte que resulta de suas investigações, pois inevitavelmente o resultado de suas pesquisas será diferenciado da tradição de fato, sendo uma celebração deste tipo, construindo verdadeiros acervos, para elaboração de metodologias colocadas a serviço de um teatro popular contemporâneo.

> Encontrando um lugar singular para a “Cultura tradicional”, em meio à sociedade moderna, Carvalho, ao relevar as principais correntes de pensamento que ainda hoje se debruçam sobre a questão, fundamenta seu olhar a partir de uma posição – que ele considera oferecer hoje, o ponto de vista mais adequado – que coloca a cultura popular a meio caminho entre as culturas tradicionais e a cultura de massa, fruto da indústria cultural. (RABETTI, 2000, p.03,04)

O espetáculo objeto de estudo, caminha em meio á essa técnica e tipos, pois apesar de trabalhar com memórias, algumas pessoais e com narrativa na cena, conforme criação do autor do espetáculo, Luiz Alberto de Abreu.

O espetáculo utiliza de varias técnicas do teatro para se falar dos tipos populares da região do Vale do Paraíba, tipos estes como os detentores da cultura popular da região, e também tipos como as lendas regionais. Pois, os personagens são baseados em seres que existiram de fato na região, mas também em lendas, como as que existem em todos os lugares por onde passamos.

> Há, pois, artistas que escolhem gerar suas obras – com métodos e técnicas disponíveis nos acervos que estão sendo elaborados por pesquisas estéticas e pedagógicas (cientificas e artísticas) contemporâneas – embebendo-se em mananciais imemoráveis, ou em indeléveis traços de grandes valores, vestigios de uma mais longa tradição, ainda hoje fertil. (RABETTI, 2000, p.05)

Enfim, o espetáculo *Um Dia Ouvi a Lua*, caminha entre estes autores, pois fala de sua região como uma maneira de rememoração da memória e história regional e seus tipos, passa pelo fato de ser um espetáculo regional, mas que se envolve com a cultura de massa, é um teatro de cunho político popular, pois utiliza-se das técnicas teatrais para contar e recontar as histórias dessas

figuras populares regionais, parte da histórias do Vale do Paraíba e sua cultura popular englobando todo esse caminho entre o popular e o moderno, para a rememoração, a vivencia artística e o público que o assiste.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é fazer uma análise do espetáculo *Um Dia Ouvi a Lua* a luz da cultura popular e a memória de São José dos Campos e do Vale do Paraíba Paulista. Considerando também a importância do texto escrito por Luiz Alberto de Abreu, a encenação criada por Eduardo Moreira e os relatos dos atores da CIA Teatro da Cidade, sobre o processo de montagem e o tempo em que representaram o espetáculo, bem como acervo em imagens, textos, jornais e vídeos sobre o espetáculo.

No processo de metodologia e de pesquisa sobre este espetáculo, vamos caminhar no que dizemos ser popular no âmbito cultural, poder traçar este paralelo entre criação, encenação e mesmo assim rememoração de personas cênicas, ou seja, personagens cênicos que foram criados a partir de observação de pessoas e características pessoais. Onde a prática da pesquisa da cultura popular, a apropriação cênica e o processo de rememoração iram caminhar junto ao de metodologia da pesquisa cênica. Utilizaremos a analise do espetáculo *Um Dia Ouvi a Lua*, como objeto de pesquisa sobre o fazer teatral da cidade de São José dos Campos, e assim poderemos traçar uma linha tênue entre teatro, cultura, memória e o Vale do Paraíba Paulista.

Neste sentido, o processo de criação torna-se parte do resgate da atividade cênica, e quanto ao grupo, onde este pode pôr-se “em cena”. No que diz respeito a sua criação para o espetáculo cênico e quanto ao processo do pesquisador, se deixando o mais distante o possível para não influenciar esse processo.

> A natureza da ação criadora, compreendida como fenômeno de organização lógica mas também de movimentos sensíveis, exige que o pesquisador encontre a exatidão de seu objeto de estudo em um ato investigatório que conjugue percepção e compreensão, experiência e análise. (ISAACSSON, 2006, p.84)

Exigindo do pesquisador uma ação criativa, onde a experiência cientifica, necessita de contato com o sensível da criação artística e seu estudo sobre o fenômeno do espetáculo. Colocando a criação cênica como movimento de experimentação de possíveis corpos e formas materiais e imateriais, para

assim pensar no processo criativo e preservando a atitude investigatória do pesquisador.

A pesquisa sobre grupos teatrais é muito importante, portanto começar a olhar os grupos teatrais regionais também, com olhar de pesquisador e arquivamento da historia do teatro brasileiro. Pois, estes grupos oriundos do interior das cidades brasileiras ainda possuem poucas pesquisas e arquivamento, mas no entanto, são muito importante para traçar a história do teatro brasileiro, com um olhar de um todo para essa historiografia incluindo assim as grandes e pequenas cidades do Brasil nesta história.

> O teatro sempre me pareceu constituir expressão de uma luta contra a efemeridade da vida. Uma busca paradoxal de vitória sobre a morte, travada por uma forma artística onde o efêmero constitui a essência e o poder de encantamento. (ISAACSSON, 2006, p. 82)

Por fim, entendo que as metodologias de pesquisa referentes à história do teatro brasileiro, ou seja, também sobre os grupos teatrais que fazem parte desta história, e principalmente a representação que muitas vezes é considerada efêmera, pois pode se esvair entre as representações, parece um pouco complicada ainda, pois ela se torna uma luta constante entre o teatro e a sua efemeridade, como contraponto a necessidade de arquivamento e de pesquisa, portanto torna-se ainda mais importante a analise do espetáculo, como umas das maneiras deste arquivamento historiográfico, por esse motivo a necessidade deste trabalho em fazer uma analise do espetáculo, que teve uma grande importância em um momento histórico para a cidade de São José dos Campos.

Portanto esta pesquisa pretende fazer uma análise da representação do espetáculo *Um Dia Ouvi a Lua*, podendo traçar um paralelo entre a representação, a cultura popular do Vale do Paraíba Paulista, bem como o texto escrito por Luiz Alberto de Abreu e as formas de representação da CIA Teatro da cidade.

Sendo assim este processo de pesquisa que está ainda em andamento, pretende fazer esta analise do espetáculo a luz de sua cultura, e colocar ela em lugar de representação e rememoração desta cidade e deste Vale do Paraíba Paulistas. Para a partir de então no futuro, poder falar sobre o quanto estes tipos de espetáculos são importantes para de alguma forma se rememorar as

histórias das cidades, como também poder colocar estes grupos de interior como parte integrante da historiografia teatral brasileira como um todo, traçando a partir destes pequenos atos, novos caminhos para a historiografia teatral, bem como uma maneira de se rememorar e se "guardar" de alguma forma a cultura das regiões as quais estes possam pertencer.

BIBLIOGRAFIA:

RABETTI, Maria de Lourdes (BetiRabetti)."O trabalho intelectual em teatro: reflexões e experimentações". In DUTRA, Sandro de Cassio. **Linhagens e noções fundamentais de improvisação teatral no Brasil: leituras em Boal e Burnier.** Jundiaí: Paco Editorial, 2015. (p. 11-13)

DUTRA, Sandro de Cassio. "Apresentação" e "Introdução". In DUTRA, Sandro de Cassio. **Linhagens e noções fundamentais de improvisação teatral no Brasil: leituras em Boal e Burnier.** Jundiaí: Paco Editorial, 2015. (p. 15-22)

BRAGA, Bya. "pesquisando os processos de criação e expressão cênicas" e "Raspas e restos me interessam". In CARREIRA, André [et al.] (org.). **Metodologias de pesquisa em artes cênicas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. (Memória ABRACE 9) (p. 77-81)

ISAACSSON, Marta. "O desafio de pesquisar o processo criador do ator". In CARREIRA, André [et al.] (org.). **Metodologias de pesquisa em artes cênicas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. (Memória ABRACE 9) (p. 82-87)

MOREIRA, Carina Maria Guimarães " A política do grupo: modos de produção como ato político". In **Revista Sala Preta**. Vol. 15, n. 1, 2015. http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/96079/98342 DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v15i1p288-298

https://pt.wikipedia.org/wiki/Tonico_%26_Tinoco

RABETTI, Maria de Lourdes (BetiRabetti). “Memória e culturas do popular no teatro: o típico e as técnicas”. In **O Percevejo: revista de teatro, crítica e estética.** Ano 8, n. 8, 2000. (p. 03-18)

CARVALHO, José Jorge de. “O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna”. In **O Percevejo: revista de teatro, crítica e estética.** Ano 8, n. 8, 2000.(p. 19-40)

BAUMGRATZ, Jacqueline. “Cultura popular do Vale do Paraíba”. Gráfica e edtoraMogiana, 2011.

CANCLINE, Nestor Garcia. “A Encenação do Popular”. **In CULTURAS HÍBRIDAS**.2008. (p. 205 - 254)

RiCOUER,Paul. “Memória Pessoal, Memória Coletiva”. **InA MEMÓRIA, A HISTÓRIA O ESQUECIMENTO.** 2012. (p.105 – 142)

ABREU, Luis A. “Processo colaborativo: relato e reflexões sobre uma experiência de criação.”**Cadernos da ELT**, Santo André, n. 2, jun. 2004.http://www.sesipr.org.br/nucleodedramaturgia/uploadAddress/processo_colaborativo_relato_e_reflexoes_[24544].pdf

FISCHER, Stela Regina. “A polivalência do ator: a autonomia do ator-autor do Lume”. In FISCHER, Stela R. **Processo colaborativo: experiencias de companhias teatrais brasileiras nos anos 90.** Dissertação mestrado Artes, Unicamp, 2003.

DUTRA, Sandro de Cassio. “Improvisação teatral – conceitos e experiências no Brasil”. In **Cadernos Virtuais de Pesquisa em Artes Cênicas**, UNIRIO, 2009. http://www.seer.unirio.br/index.php/pesqcenicas/article/view/750

DUTRA, Sandro de Cassio. “Noções de improvisação no Brasil: Luís Otávio Burnier”. ”. In DUTRA, Sandro de Cassio. **Linhagens e noções fundamentais de improvisação teatral no Brasil: leituras em Boal e Burnier.** Jundiaí: Paco Editorial, 2015. (p. 243-310)